

TRABALHO FEMININO, TRABALHO IMPRODUTIVO?

MARA COELHO DE SOUZA LAGO*

Através da realização de trabalho de pesquisa junto a antigos moradores de uma comunidade agrícola pesqueira que se transformou em balneário, na Ilha de Santa Catarina, ficamos motivados a levantar algumas questões sobre o trabalho feminino em sociedades camponesas.

O trabalho feminino no lar em geral não é valorizado. Embora se dê importância ao papel desempenhado pela mulher, como reprodutora biológica, seu serviço frequentemente nem é considerado como tal. Ela própria, quando perguntada se trabalha, muitas vezes responde que não, que só cuida das lidas da casa e dos filhos. De qualquer forma, mesmo quando os afazeres domésticos são considerados trabalho, não assumem a importância atribuída ao trabalho fora do lar. E quando a mulher, pressionada por fatores econômicos, entra no mercado de trabalho, em geral o faz com as desvantagens amplamente denunciadas pelos estudos a respeito do assunto, com menor salário para igual função, difícil acesso aos cargos de decisão, entre outras.

Existe, nas sociedades capitalistas, toda uma ideologia de supervalorização do trabalho remunerado, (masculino) em detrimento do trabalho doméstico (feminino).

Preocupamo-nos especificamente com o fato de que as próprias análises científicas, muitas vezes contribuem para a desvalorização do trabalho feminino, pela utilização inadequada de conceitos econômicos e sociológicos.

É o caso da aplicação do conceito de trabalho improdutivo ao trabalho feminino, em sociedades camponesas.

Caberá a classificação do trabalho camponês como produtivo ou improdutivo?

*Professora do Departamento de Psicologia da UFSC. Mestre em Antropologia, UFSC.

Marx (1978) contesta a utilização do critério de trabalho produtivo pelos economistas burgueses. Para este autor só é produtivo, no modo capitalista de produção, o trabalho que, além de produzir mercadoria, produz mais-valia. "É produtivo o trabalhador que executa trabalho produtivo, e é produtivo o trabalho que gera diretamente mais-valia, isto é, que valoriza o capital" (MARX, 1978:71). Os critérios de trabalho produtivo e trabalho improdutivo, como seu contrário, não tem relação alguma com a utilidade do trabalho ou do produto dele resultante, definindo-se pelas relações de produção e pela remuneração do trabalho. Assim, o trabalho pago por dinheiro enquanto capital e que, portanto, produz sobretrabalho para a valorização do capital, é produtivo, ao passo que o trabalho pago por dinheiro enquanto renda, é trabalho improdutivo.

"Somente a estreiteza mental burguesa, que toma a forma capitalista de produção pela forma absoluta e, em consequência, pela única forma natural de produção, pode confundir a questão do que seja trabalho produtivo do ponto de vista do capital, com a questão do trabalho produtivo em geral, contentando-se assim com a resposta tautológica de que é produtivo todo o trabalho que produz, todo o trabalho que resulta em um produto ou em algum valor de uso qualquer; resumindo; em resultado" (MARX, 1978: 71).

De acordo com a interpretação de Marx, o conceito de trabalho produtivo no modo capitalista de produção é específico, e não se aplicaria a outros modos de produção. O campesinato, considerado modo não capitalista de produção, está, no entanto, inserido numa formação econômica capitalista que o subordina, como modo de produção dominante que é, de acordo com Tepich (1973). Nestas circunstâncias, acreditamos que o critério de trabalho produtivo não possa ser aplicado às atividades camponesas. No entanto, muitos autores, ao analisarem sociedades camponesas atuais, subordinadas ao modo capitalista de produção dominante, aplicam o conceito de trabalho produtivo ao trabalho camponês masculino, considerando, ao mesmo tempo, o trabalho da mulher camponesa como improdutivo.

É este tipo de análise que ajuda a desqualificar o trabalho feminino.

Com relação às camponesas, pensamos que o problema se torna particularmente sensível, na medida em que, mesmo realizando o que se convencionou caracterizar como "a dupla jornada de trabalho" (trabalham na lavoura e na casa), geralmente nenhuma de suas atividades é remunerada, o que deve contribuir para tornar mais manifesta a pouca valorização de suas tarefas e a conseqüente invisibilidade destas, mesmo em análises científicas.

Vários estudos sobre o trabalho em pequenas propriedades rurais, mostram que a divisão sexual do trabalho, ao nível do discurso manifesto, é justificada no sentido de que à mulher estão reservados os serviços mais leves, e aos homens, os mais pesados. Se as mulheres devem se encarregar do serviço da casa (incluindo a horta e a criação de aves) e auxiliar nas tarefas mais leves da roça, os homens se encarregam dos serviços mais pesados na lavoura e da criação dos animais de maior porte.

Os mesmos estudos demonstram que esta divisão não funciona em circunstâncias de necessidade, em que a mulher é levada a enfrentar o trabalho destinado aos homens (ausência do marido, por exemplo). A própria caracterização do serviço da mulher como menos pesado também não resiste a uma análise mais profunda, quando se vê que ela é a encarregada de trazer água e lenha para o consumo e preparo de alimentos, entre outras tarefas.

Garcia e Heredia (1971) demonstram que a divisão sexual do trabalho em sociedades camponesas, é mais racionalmente explicável se considerarmos a oposição casa x roçado (dentro x fora), ficando a mulher encarregada do serviço na casa (unidade de consumo) e o homem, encarregado das tarefas na lavoura (unidade de produção).

Um aspecto que ficou ressaltado na pesquisa que realizamos na localidade de Canasvieiras, Ilha de Santa Catarina, refere-se ao intercâmbio de tarefas, consideradas tradicionalmente como masculinas ou femininas, entre homens e mulheres.

Podemos observar que, enquanto os homens, na ausência da mulher, transferiam as tarefas femininas para as filhas ou uma parenta próxima (em geral, a avó de seus filhos), as mulheres, na ausência do marido, não substituíam, simplesmente suas tarefas femininas pelo trabalho do marido, que passavam a assumir, mas acrescentavam as tarefas masculinas ao seu trabalho. Ficavam sobre carregadas com as tarefas femininas e masculinas. Esta sobrecarga de trabalho atingia também as crianças. Nas comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, em que os homens costumavam deixar as famílias para a pesca sazonal em outros estados, foi usual o fato das mulheres assumirem todo o trabalho doméstico, lavoura e criação, por largos períodos de tempo, contando apenas com o auxílio das crianças, quando estas tinham condições de prestá-lo.

Nestas circunstâncias, e após ouvirmos os relatos da vida trabalhosa das mulheres que entrevistamos em Canasvieiras, questionamos a utilização do conceito de trabalho improdutivo para caracterizar o trabalho da mulher camponesa, decorrente da própria utilização inadequada da categoria de trabalho produtivo na análise do campesinato.

De acordo com Chayanov (1974), a lógica da economia camponesa é específica e, desta forma, não poderia ser analisada através dos critérios utilizados para a análise da economia capitalista.

Os depoimentos que ouvimos, nos mostram como é pesado o trabalho feminino entre os grupos rurais que sobrevivem com meios escassos, mas demonstram mais: a importância e a indispensabilidade do trabalho da mulher para a sobrevivência e a reprodução familiar, na economia camponesa. É trabalho que merece ser valorizado, especialmente nas análises científicas.

Bibliografia

- BECK, Anamaria. **Lavradores e Pescadores. Um Estudo sobre Trabalho Familiar e Trabalho Acessório.** Florianópolis, mimeografado, 1979.
- CHAYANOV, A.V. **La Organización de la Unidad Económica Camponesa.** Buenos Aires, Nueva Visión, 1974.

- GARCIA JR., Afrânio & HEREDIA, Beatriz. "Trabalho Familiar e Campesinato". In: **Revista América Latina**, 14(1-2):10-19,1971.
- LAGO, Mara C. de S. **Memória de uma Comunidade que se Transforma: de Localidade Agrícola-Pesqueira a Balneário**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, mimeografado, 1983.
- MARX, Karl. **O Capital. Livro I, Capítulo VI (inédito)**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1978.
- TEPICHT, Jerzy. **Marxisme et agriculture: le paysans polonais**. Paris, Armand Colin, 1973.